


JOVENS AUTISTAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NAS MÍDIAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-036>

Data de submissão: 06/03/2025

Data de publicação: 06/04/2025

Edieny Brito da Silva
edienybs@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar uma análise sobre a representação de Jovens Autista nas mídias sociais, especificamente as narrativas de um Podcast feito por autistas, que discutem suas próprias vivências em torno no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os jovens autistas abordam representações, contestam, problematizam estereótipos e debatem as formas de nomeação e naturalização de certas características produzidas em contextos históricos e culturais específicos. Para esse estudo foi realizado um levantamento histórico sobre os primeiros estudos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) para compreender os conceitos atuais. A análise dos dados foi embasada em referenciais teóricos dos Estudos Culturais (EC), bem como diversas publicações que abordam o autismo, o movimento da neurodiversidade e a luta por direitos e o reconhecimento de Pessoas com Deficiência (PCD). Muito embora, o autismo tenha sido um tópico amplamente discutido na atualidade, ainda existe uma escassez significativa de literatura que aborda a representatividade dos autistas em relação à sua própria identidade. Muitas vezes, as discussões se concentram principalmente em métodos de tratamento e intervenção, deixando de lado a importante perspectiva da experiência e da voz dos próprios autistas. É de suma importância ampliar o foco das discussões para abranger a diversidade de perspectivas e vivências dos autistas, garantindo que sua representatividade tenha mais visibilidade. A partir da análise, foi possível perceber a importância da busca pela efetivação dos direitos das pessoas autistas. A representatividade de Jovens Autistas vem ganhando força com o movimento da neurodiversidade e a busca pelo reconhecimento dos autistas como neurodivergentes. A representação de Jovens Autistas nas mídias sociais, especialmente por meio de um Podcast feito por eles mesmos, tem sido uma forma importante de contestar as representações tradicionais, problematizar estereótipos e promover a conscientização sobre as questões relacionadas ao autismo e a neurodiversidade, bem como desconstruir estereótipos historicamente impostos pela sociedade.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Representação. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Jovens Autistas. Neurodiversidade.

1 INTRODUÇÃO

O seguinte artigo tem como tema Jovens autistas e suas representações nas mídias sociais: Uma análise a partir dos estudos culturais, mais especificamente as narrativas apresentadas no podcast "Introvertendo". Tal podcast é conduzido por jovens autistas que compartilham suas experiências, reflexões e perspectivas sobre o transtorno e suas vivências no mundo digital.

Nesse sentido, a análise central consiste em compreender como as representações do TEA no podcast "Introvertendo" se configuram, de que maneira os jovens autistas se auto representam e como as mídias sociais podem se tornar ferramentas para a construção de uma identidade. Além disso, faz-se necessário analisar as possíveis implicações dessas narrativas na desconstrução de estereótipos e na busca de uma visão mais abrangente e sensível do autismo pela sociedade em geral.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ESTUDOS CULTURAIS

Neste sentido, a cultura de uma determinada sociedade, é um fenômeno dinâmico que evolui ao longo do tempo, resultando em novas culturas. Os Estudos Culturais valorizam a diversidade de informações e as configurações culturais contemporâneas, tornando-se uma linha de pesquisa que examina a produção e a difusão de significados culturais específicos.

Para Stuart Hall, um dos principais teóricos dos Estudos Culturais, argumenta que a cultura não se limita a um conjunto de tradições, mas permeia todas as práticas sociais, relacionando-se com elas. Nesse sentido, a análise dos artefatos culturais desempenha um papel fundamental na compreensão das diferentes culturas. Os Estudos Culturais rompem com concepções tradicionais e oferecem uma abordagem crítica e teórica que busca intervenções inovadoras nas interpretações das manifestações culturais.

Segundo Hall (1996, p. 263), os estudos culturais se constituíram como um projeto político de oposição e suas movimentações “sempre foram acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante”. Assim, Hall discursa sobre as diversas concepções relacionadas à cultura e suas esfericidades de opiniões e seus contrapontos.

Segundo Moraes (2019),

Em seus escritos, Hall (2002, p.9 – 10) aborda três teorias que discutem representação: a reflexiva, a intencional e a construcionista. Cada uma delas apresenta abordagem diferenciadas para a interpretação dos significados nas mensagens. Na teoria reflexiva, a linguagem funciona como espelho que reflete o verdadeiro significado já existente no mundo; na intencional, aquele que fala impõe o significado através da linguagem; e, na teoria construcionista, a linguagem é tomada como um produto social, no qual os significados são construídos através dos sistemas de representação. É nessa terceira visão que o autor encontra um melhor ajuste à sua concepção da representação (MORAES, 2019).

Diante das teorias de Stuart Hall, sua concepção dar-se-á no âmbito da teoria construcionista, em que acontecem as revoluções da cultura em decorrência da tecnologia e dos meios de produção expedidos em relação à circulação e à troca cultural de informações.

Na concepção de Heloisa Buarque de Holanda, os Estudos Culturais têm certo modo de ser, apresentando-se por vários campos temáticos e teorias, fazendo com que sejam tecidas, assim, outras problematizações. Não tem como falar de cultura sem envolver outros campos de conhecimentos, tais como: antropologia, psicologia, linguística, teoria da arte, crítica literária, filosofia, ciência política, musicologia. Isso porque se trata de uma temática que perpassa várias outras disciplinas e metodologia, em que cada uma apresenta suas contribuições, de interesses teóricos e políticos.

É de conhecimento familiar que os Estudos Culturais dizem respeito ao modo de produção de análise cultural, com seus princípios e preocupações acadêmicas, com intervenções que levam a articular inquietações teóricas e preocupações de um grupo social, pois, nas produções de conhecimento, cada um apresenta distintos conceitos, muitas vezes contraditórias, errôneas e polêmicas sendo sujeitas a reflexões.

Segundo Jodelet (2001), representações sociais nos estudos culturais vêm a ser um conjunto de significados, com o objetivo de compartilhar conhecimentos. Como bem nos assegura Hall (1997b), a representação, nos estudos culturais, envolve entender objetos, mas não no seu sentido próprio, e sim a partir de sua função simbólica.

Para Hall (2016, p. 32), representação, nos estudos culturais, é um termo usado para expressar algo sobre o mundo e compartilhar com outras pessoas, permitindo entendermos a produção do sentido da linguagem.

Hall destaca que as representações são meios pelos quais expressamos e compartilhamos ideias, permitindo-nos atribuir significado à linguagem e às experiências culturais. Dessa forma, as representações desempenham um papel importante na construção e na transmissão de significados dentro de uma sociedade.

2.2 TEA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Tendo em vista que as Representações Culturais estão relacionadas à produção de significados e ao entendimento sobre algo, cita-se, como exemplo, de como é apresentada a questão do Transtorno Espectro Autismo (TEA) na mídia. Tal instância aparece de forma padronizada, a partir de uma percepção errônea da realidade dos jovens autistas e, com isso, passa para a sociedade informações fora da realidade acerca de como realmente é a vivência de um jovem autista.

Segundo Hall (2016, p. 32), a representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem. Nesse sentido, o uso do conceito de representação, nos estudos culturais, permite simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou de tal instância ser uma amostra ou um substituto. Logo, é importante compreender os significados, ou seja, é importante representar o que, de acordo com os estudos culturais, está relacionado com algo que busca dar significado.

Conforme já mencionado, um dos conceitos centrais para os Estudos Culturais é o de representação. Esse conceito, na acepção que lhe foi conferida pelo campo, atua como uma força significativa na produção de significados e de identidades na contemporaneidade, uma vez que traduz na – e pela linguagem – o que pensam, o que significam e o que dizem as pessoas sobre as coisas, os pensamentos e as ideias em um sistema cultural. Desse modo, a identidade se produz a partir das representações e dos discursos que se constroem através das linguagens nas culturas (AGUIAR, 2018, p.151).

Nesse interim, vale destacar que a representação significativa requer uma gama de interpretações e identidades, em que o indivíduo participa de um sistema cultural com suas ideias e pensamentos significativos. Outrossim, em articulação com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), é necessário pensar sobre as representações de uma forma ampla, pois muitas são as interpretações e, somadas com os conceitos dos estudos culturais, as análises se tornam mais compreensivas de se questionar, mas é necessário que haja conhecimento, desde a concepção clínica, das abordagens culturais até a construção da pessoa de direitos.

Nesse âmbito, a representação cultural trabalha justamente a questão de entender os signos, ou seja, os seus significados, que são diferentes para cada pessoa que os interpreta.

Nesse sentido, observa-se a importância de entender mais sobre o que é o autismo, pois, ao analisamos as diversas representações midiáticas, percebeu-se que são interpretadas de uma forma errônea, com estereótipos negativos e incompletos, como é visto em relação à questão da frase “anjo azul”, muito questionada na comunidade autista pelos ativistas.

O artigo de Brilhante (2021) retrata essa questão de “anjo azul”, cujo título é “Eu não sou anjo azul: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas”. Em relação à referida expressão, portanto, é apresentado, como contestação, o seguinte texto:

A expressão “anjo azul”, amplamente disseminada para caracterizar pessoas autistas, atua como um processo discursivo, normatizando sua infantilização e contribuindo para a invisibilidade do autismo feminino, como ilustra a fala de Jasmin (15 anos): “Eu não sou um anjo azul. Não nasci pra anjo. Não sou assexual. E sou menina. Esse azul aí surgiu porque as pessoas acham que autismo é mais prevalente em meninos e não é. A gente, menina, demora muito mais pra conseguir o diagnóstico. E essa história desse anjo azul dificulta ainda mais.” (Brilhante, 2021, p. 419).

Para melhor compreensão referente aos estereótipos construídos em torno do autismo, busco como análise o Podcast “Introvertendo”, um espaço de interação e informação de conteúdos narrados por autistas que, por isso mesmo, mostra ser relevante para o estudo. Por conseguinte, ao ouvir os episódios com as narrativas de representações das mídias, observei um comparativo entre as informações a fim de pensar sobre as representações culturais que despertam para a identidade autista, a partir de uma perspectiva cultural, permitindo problematizar o processo histórico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que vão desde os primeiros conceitos até estudos relacionados à neurodiversidade.

O podcast “Introvertendo” é um espaço feito por autistas que falam de si mesmos, algo bastante importante para que as pessoas conheçam mais deste universo complexo e multifacetado chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo que, a cada episódio, são produzidas problematizações acerca do entendimento sobre o autismo, cujos argumentos passam a ser questionados. Isso porque são muitas as produções midiáticas que apresentam personagens autistas como protagonistas.

Vale destacar que o estudo do artefato cultural em questão centra-se na representação, indicando os modos de como os autistas contestam representações, problematizam estereótipos, discutindo formas de nomeá-los, ideias genéricas de autismo que não contemplam as formas plurais de vida.

No decorrer de cada episódio, foram vistas narrativas de jovens autistas que relataram suas opiniões referentes aos conteúdos que as mídias sociais trazem como representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA), situando os contrapontos e as concepções da mídia, apresentando, dessa forma, suas opiniões sobre diversos conteúdos que a mídia perpassa em seu contexto de comunicação.

2.3 HISTÓRIA CULTURAL DO AUTISMO

A pesquisa busca abordar o autismo em um contexto histórico amplo, considerando diversas perspectivas desde os primeiros estudos clínicos até os avanços significativos no campo do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além disso, busca compreender o movimento da neurodiversidade, visto como um movimento cultural de identidade. A inclusão desse movimento na análise visa ampliar a compreensão sobre as diferentes formas de vivenciar e entender o autismo ao longo do tempo.

Considerando que as primeiras concepções clínicas do autismo estavam intrinsecamente ligadas à psiquiatria e à psicologia. Em 1906, o psiquiatra Phouller cita o termo autismo ao analisar o processo de pensamento de crianças diagnosticadas com demência infantil.

Mais tarde, em 1911, o psiquiatra Eugen Bleuler, notável por sua influência na esquizofrenia, associou o autismo como um dos principais sintomas desta última condição.

Bleuler tomou da teoria freudiana, o termo autoerotismo e subtraiu Eros, indicando o autismo como efeito da dissociação e tentativa de adaptação ao processo patológico. Ele descreveu um tipo particular de pensamento — autístico ou derreísta, que não é guiado por objetivos, mas por afetos e desejos que aparecem de forma extrema na esquizofrenia e têm papel importante no caso de crianças autistas. Assim, os sintomas essenciais dos esquizofrênicos das crianças autistas podem ser englobados sob um comum denominador: uma ruptura das relações entre eles e o mundo exterior (Dias, 2015, p.308).

Com base nos estudos de Freud no campo da psicologia e da saúde mental, o psiquiatra Bleuler aprofundou-se na hipnose, colocando que os processos mentais de difícil compreensão poderiam ser inconscientes, buscando estudar os processos de uma ideia psicanalítica.

Embora o autismo fora mencionado anteriormente como um dos sintomas de esquizofrenia, o psiquiatra infantil Leo Kanner, em 1943, utilizou o termo autismo, referindo-se a um novo quadro de doença, empregando o termo “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo”, ligado à condição com características comportamentais bastante específicas como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino.

Segundo Dias (2015), sobre a psicose infantil:

Kanner, estudando as psicoses infantis na Johns Hopkins University, nos EUA, publica Os distúrbios autísticos de contato afetivo no qual apresenta uma nova entidade nosográfica — o autismo infantil precoce — a partir da análise de 11 casos com patologia grave e condições singulares e fascinantes peculiaridades (Dias, 2015).

Segundo Teixeira (2016), sobre os estudos do autismo:

O autismo foi inicialmente descrito de forma brilhante pelo médico, pesquisador e professor da Universidade Johns Hopkins, o psiquiatra infantil austríaco Leo Kanner, em 1943. Ele publicou um artigo científico com o relato de 11 crianças que apresentavam três características comuns entre si que tornavam seu comportamento muito diferente do usual para jovens da mesma idade. Havia desinteresse e inabilidade de se relacionar com outras pessoas; um desenvolvimento peculiar da linguagem verbal, marcada por ecolalia (repetição de palavras ouvidas pela criança); presença de estereotípias (repetição de movimentos corporais sem propósito aparente) e inversão pronominal (crianças que se chamavam na terceira pessoa), por exemplo, dizendo “Pedro quer água” em vez de “eu quero água”, ou, ainda, chamando a si próprio de “ele” ou “ela” (Teixeira, 2016, p.16).

As análises assim observadas por Kanner estão relacionadas a comportamentos como dificuldades de relacionamento social e na comunicação com outras pessoas, nomeando essa condição de “solidão autista extrema”, sendo essa a principal característica do autismo. Em seus registros, o médico via cada caso como um indivíduo único. Mas o que todos tinham em comum é que não consideravam como sendo casos de retardo mental, epilepsia e nem outro tipo de doença

neurológica, ou seja, sem definição prescrita. Kanner, como um bom médico, identificou características e diferenças comuns em todos, não as considerando como sintomas.

Dias comenta sobre os estudos de Asperger:

Em 1943, Hans Asperger apresentou a tese na Faculdade de Medicina com casos atendidos na Clínica Infantil da Universidade de Viena, que constituíam uma síndrome que nomeia psicopatia autística infantil. Síndrome caracterizada por dificuldades de integração social das crianças, mas que, à diferença das descritas por Kanner, possuíam um bom nível de inteligência e linguagem e os sintomas apareciam após o terceiro ano de vida (Dias, 2015).

Em seus estudos, o psiquiatra observou algumas características similares entre o autismo e a esquizofrenia, conforme já havia sido visto em estudos anteriores, como a dificuldade no relacionamento afetivo social, isolamento, estereotípias e comportamentos inadequados, pois, para o psiquiatra, a dificuldade do contato visual vem desde o início da vida, colocando os pensamentos fantasiosos no quadro de doença da esquizofrenia.

O autor Dias se utiliza do trabalho de Asperger para descrever sobre o tratamento em crianças com TEA:

Ele descreve como um tipo de criança peculiar e interessante que pode compensar suas deficiências por um alto nível de pensamento e experiência pessoal que podem levá-los a excepcionais êxitos na vida adulta. Sua finalidade ao apresentar as dificuldades dos psicopatas era tornar legítima a reivindicação de um tratamento educativo apropriado para seres humanos diferentes e com dificuldades específicas e características (Dias, 2015).

Assim, os comportamentos apresentados nas crianças analisadas por Asperger apresentavam uma condição de níveis de inteligência acima da média, e não impediriam de desempenhar seu comportamento social, mas eram necessárias as intervenções de outras áreas como a psicologia e da educação, que, em conjunto, trabalham tais questões dos padrões de comportamentos.

Dias comenta sobre as pesquisas de Kanner:

O trabalho de Kanner na época foi possível por ser de língua inglesa, enquanto o de Asperger ficou totalmente desconhecido não por falta de mérito, mas porque restrito ao leitor alemão e holandês, provavelmente em virtude da Segunda Guerra Mundial. Foi traduzido para o russo em 1975 e inglês, sua tradução aparece em seu livro Autismo e síndrome de Asperger (1991, pp. 37-92) dez anos após Lorna Wing fazer referência ao trabalho de Asperger (1991, pp. 1 e 40) (Dias, 2015).

Portanto, as duas pesquisas de Kanner e de Hans Asperger apresentam grande relevância para os estudos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), já que, em suas pesquisas, apresentaram o autismo com distúrbios diferentes e foram difundidas por outros pesquisadores. Então, vários outros debates foram surgindo em torno do autismo.

No entanto, ao longo do tempo, o conceito de autismo passou por transformações significativas, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do transtorno. Um marco importante foi a contribuição de Lorna Wing, psiquiatra inglesa e ativista do autismo. Ela trouxe novas perspectivas para a discussão ao destacar uma tríade de sintomas que incluem alterações na sociabilidade, comunicação e padrões comportamentais atípicos. Sua pesquisa teve um impacto profundo nas políticas, na sociedade e na comunidade científica.

Nesse sentido, Dias menciona sobre o que Wing se referiu acerca do assunto:

Wing indica que existem diferenças entre os relatos dos pioneiros. As crianças descritas por Asperger desenvolveram linguagem antes da idade escolar, tinham vocabulário amplo e razoável gramática, apesar de socialmente isolados fazem tentativas de aproximação. Elas têm uma aparência estranha em contraste com a aparência viva e cativante das crianças de Kanner. Apresentam uma “originalidade de pensamento” e seus interesses são canalizados para assuntos preferivelmente abstratos e de pouco uso prático (Dias, 2015).

Além disso, Lorna Wing desempenhou um papel fundamental na divulgação do autismo e na defesa dos pais no Reino Unido. Sua atuação incluiu a fundação da Sociedade Nacional para Crianças Autistas em 1962 e seu envolvimento na seleção de Sybil Elgar para liderar a nova sociedade. Ela desempenhou o papel de consultora de política científica do grupo, atuando como intermediária entre os pais e a comunidade científica. Isso ajudou a fornecer informações práticas sobre como lidar com crianças autistas e promover um entendimento mais profundo das necessidades de suas famílias.

O conceito de espectro autista, introduzido por Lorna Wing em 1984, também se tornou uma contribuição fundamental para a compreensão do autismo. Sua participação na composição dos critérios revisados para o diagnóstico do autismo contribuiu para a criação de uma perspectiva mais ampla, reconhecendo que o autismo pode se manifestar em diferentes níveis de intensidade.

É importante ressaltar que, em cada período histórico, as narrativas clínicas sobre o autismo estão sujeitas a mudanças constantes, impulsionando novos tratamentos, abordagens de avaliação e diagnóstico. Cada evolução nas concepções do autismo visa melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem com o TEA.

Neste contexto, as reformulações clínicas e a classificação do TEA em níveis (Nível 01, nível 02 e nível 03), desempenham um papel central. Essa níveis reconhecem que o autismo é uma condição variável, exigindo intervenções.

A seguir segue Quadro 1, elaborado sobre os níveis do Transtorno do Espectro Autista e suportes individualizados.

Quadro 01- Sobre os níveis do Transtorno do Espectro Autista e suportes individualizados

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	
Nível 1: Grau Leve (necessita de pouco suporte)	Com suporte, pode ter dificuldade para se comunicar, mas não é um limitante para interações sociais. Problemas de organização e planejamento impedem a independência.
Nível 2: Grau moderado (necessitam de suporte)	Semelhante às características descritas no nível 3, mas com menor intensidade no que cabe aos transtornos de comunicação e deficiência de linguagem.
Nível 3: Grau severo (necessitam de maior suporte/apoio)	Diz respeito aqueles que apresentam um déficit considerado grave nas habilidades de comunicação verbais e não verbais. Ou seja, não conseguem se comunicar sem contar com suporte. Com isso apresentam dificuldades nas interações sociais e têm cognição reduzida. Também possuem um perfil inflexível de comportamento, tendo dificuldade de lidar com mudanças. Tendem ao isolamento social, se não estimulados.

Fonte: Site Neuroconecta (2022).

2.4 MOVIMENTO DA NEURODIVERSIDADE

No decorrer da história do autismo, o movimento da neurodiversidade é de suma importância, pois destaca a diversidade de características neurológicas, e muitas pessoas, mesmo em uma fase posterior da vida, reconhecem as características do autismo em si mesmas, levando a um diagnóstico preciso e, conseqüentemente, a uma maior compreensão.

Em Toronto no ano de 1993, Jim Sinclair, autista, em uma conferência sobre autismo, enfatizou uma questão polêmica em relação às ideias que as famílias dos autistas tinham, por meio das quais os mesmos argumentavam que seus filhos, por terem autismo, eram uma tragédia do destino. Então, entre outras questões, Jim rebateu tal imaginário, situando que não era verdade e que não havia necessidade de lamentação.

Os autores Zucker & Donovan se referem aos primeiros estudos sobre o movimento autista: Jim Sinclair cita que para gente como ele, os pais do autismo faziam parte do problema. Havia muito, argumentava, que pais e mães cometiam o erro de acreditar que os filhos por terem autismo - eram um golpe terrível do destino. Mas isso estava longe de ser verdade, asseverava Sinclair. “Não chorem por nós”, dizia ele, porque não havia nem nunca tinha havido necessidade de pranto (Zucker & Donovan 2017, p. 513).

Jim Sinclair, ativista do movimento da neurodiversidade, fez sua crítica a respeito das colocações dos pais de autistas, que procuravam por uma cura e, no entanto, acabavam desolados por apenas olharem para seus filhos a partir de uma concepção médico-patológica, não os vendo como sujeitos sociais de direitos.

Em 1990, a socióloga e ativista Judy Singer, em seus estudos, abordou o termo “neurodiversidade”, com os estudos anteriores já realizados sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). No campo da medicina, a socióloga faz sua análise como sendo um novo conceito, não no

sentido de doença, como foram vistas as primeiras concepções do transtorno, mas considerando a ótica da psicanálise, que tinha uma visão negativa do autismo.

Desse modo, a autora analisa o transtorno no sentido de diferença biológica, considerando que ela descaracteriza a doença, fazendo um paralelo com a biodiversidade e a diversidade biológica dos seres vivos, mas considerando, também, que a neurodiversidade é a diversidade neurológica dos indivíduos, sendo uma condição neurológica.

Segundo Aguiar (2018, p. 85) “A neurodiversidade tem se constituído como um movimento internacional de direitos civis, mais fortemente relacionado aos direitos do autista, talvez por ser esse o grupo mais influente e atuante de ativistas”.

A neurodiversidade é, de fato, um movimento internacional de direitos civis que tem ganhado destaque, principalmente por sua associação com a defesa dos direitos das pessoas autistas. Isso se deve em parte à influência e ao ativismo significativos dentro desse grupo. No entanto, é importante lembrar que a neurodiversidade abrange uma ampla variedade de diferenças neurológicas, incluindo transtornos do espectro autista, TDAH, dislexia e muito mais. O movimento busca promover a aceitação e a inclusão de todas as neurodivergências, reconhecendo a diversidade como uma parte fundamental da condição humana.

Esse movimento traz, como força, os autistas de nível 1, os “neurodivergentes”, formando um grupo identitário, sendo que o que importa é a diferença frente aos neurotípicos (sem autismo). Rompendo com os conceitos oriundos da psiquiatria que estava envolvida com a psicanálise – que tinha uma visão negativa do autismo –, utilizou-se a metáfora da “mãe geladeira”, mãe muito fria, como um movimento de redefinição, pois o autismo diz respeito a uma questão cerebral, e não a uma doença.

Aguiar fala sobre o movimento:

O movimento defende que um funcionamento cerebral divergente deve ser reconhecido e respeitado como qualquer outra variação humana. Entre essas estão diferenças como: superdotação, personalidade borderline, bipolaridade, dislexia, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, discalculia, espectro autista, síndrome de Tourette, entre outras categorizadas pelos compêndios médicos como patologias da ordem dos transtornos mentais (Aguiar, 2018, p.85).

Ortega, então, menciona sobre a neurodiversidade:

Como lemos no início, “neurodiversity” — “neurodiversidade” — em Wikipédia e nas dúzias de sites dedicados ao movimento, é um termo que tenta salientar que uma “conexão neurológica” (neurological wiring) atípica (ou neurodivergente) não é uma doença a ser tratada e, se for possível, curada. Trata-se antes de uma diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras). Os

indivíduos autodenominados “neurodiversos” consideram-se “neurologicamente diferentes”, ou “neuroatípicos” (Ortega, 2008).

No entanto, o movimento da neurodiversidade busca promover o reconhecimento e o respeito às diversas formas de funcionamento cerebral. Este movimento vai além do autismo e abrange uma variedade de diferenças neurológicas, que incluem condições como superdotação, personalidade borderline, bipolaridade, dislexia, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, discalculia, síndrome de Tourette, entre outras. O ponto central é que essas diferenças não devem ser vistas como doenças a serem tratadas ou curadas, mas como parte da diversidade humana a ser respeitada, semelhante a outras diferenças, como as sexuais e raciais. O termo "neurodiversidade" destaca a importância de aceitar e valorizar as experiências e perspectivas únicas das pessoas que se consideram "neurodiversas" ou "neurologicamente diferentes." Isso representa um avanço importante na promoção da inclusão e na luta pelos direitos civis de indivíduos com diferentes formas de funcionamento cerebral.

Segundo Rios (2017), “Tais demandas seguem o modelo articulado por outros movimentos sociais que surgiram mais ou menos na mesma época.” Trata-se de uma época em que essas demandas foram construídas por modelos de práticas sociais envolvendo a política e a sociedade pela igualdade universal.

O lema "nada sobre nós, sem nós" é uma declaração do ativismo das pessoas com deficiência (PCD) em todo o mundo, datando dos anos 1970. Ele encapsula a luta por direitos e benefícios no contexto social, mas vai além, enfatizando o desejo fundamental de serem reconhecidas como sujeitos livres e autônomos. Esse reconhecimento é central para permitir que as pessoas com deficiência participem ativamente na tomada de decisões em várias esferas da sociedade sem interferência de terceiros. Segundo o autor destaca-se a importância desse lema como uma força motriz no ativismo político desse grupo e ressalta a necessidade de empoderamento e inclusão genuína das pessoas com deficiência em todos os aspectos da vida social e política.

No Brasil, algumas leis foram implementadas para regulamentar questões específicas relacionadas às pessoas autistas. Antes dessas leis, os autistas e suas famílias não tinham nenhum suporte legal e não eram reconhecidos como Pessoas com Deficiência (PCD).

A Lei 13.977/2020, conhecida como Lei Romeo Mion, alterou a Lei nº 12.764/2012 e a Lei nº 9.265/1996 para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea) e estabelecer outras medidas pertinentes.

Essas leis foram marcos importantes na conquista de direitos para as pessoas autistas, garantindo o direito à matrícula na rede regular de ensino e um tratamento adequado. No entanto,

ainda há muito a avançar, pois os autistas continuam enfrentando discriminação, preconceito e capacitismo.

O movimento pela neurodiversidade tem ganhado força como um grupo social em diferentes contextos e espaços. As mídias desempenham um papel importante na circulação e legitimação das narrativas sobre a neurodiversidade. É cada vez mais comum ver representações de personagens autistas em filmes, séries, novelas, podcasts e outros meios de comunicação.

Essas representações podem contribuir para a construção cultural da pessoa autista, mas muitas vezes perpetuam estereótipos negativos. No entanto, também há produções que buscam promover a visão do autismo como uma variação da conectividade cerebral e celebrar as formas de comunicação e expressão autistas.

No livro "Neurodivergentes", a autora Sophia Mendonça destaca exemplos significativos de representações do autismo na mídia, como a personagem Benê em "Malhação: Viva a Diferença" e a série "As Five". Essas produções e a representatividade autista em canais de comunicação, como o canal "Mundo Asperger" no YouTube, fortalecem a visibilidade e o entendimento da comunidade autista.

A análise das representações midiáticas é importante para compreender como elas são influenciadas pela perspectiva médica e se estão alinhadas ao modelo dos direitos humanos das deficiências ou reforçam o paradigma da patologia. Também é fundamental questionar se os autistas são ouvidos pelos meios de comunicação na produção desses conteúdos e se os estereótipos e mitos relacionados ao autismo são reforçados ou desafiados.

Essa análise demonstra a importância de compreender essas produções, pois algumas retratam o autismo de forma fiel e livre de estereótipos, enquanto outras podem carregar estereótipos negativos.

O Quadro 2 abaixo explica os meios de comunicação e suas respectivas sinopses, de acordo com o filme ou a série em questão e suas especificidades, e isso demonstra o quanto é importante entender determinados filmes ou séries.

Quadro 2 - Meios de Comunicação

MEIOS DE COMUNICAÇÃO	SINOPSE
Série "The Big Bang Theory"	Reúne, no personagem principal, Sheldon, todas as características de um autista Asperger, embora os criadores da série jamais tenham admitido os diversos comentários do público sobre isso. Da forma como é realizada, a abordagem mostra se tão caricata que pode ser e tem sido usada, inclusive, com fins didáticos, para ajudar na compreensão e na consequente inserção de pessoas autistas em escolas e faculdades.

Série Malhação	O retrato do autismo revela – se fiel e livre de estereótipos. Um ponto interessante é a passagem descobrir – se autista já adulta, como alerta sutil para o diagnóstico durante ou após a adolescência, o que é real e importante para desenvolver a qualidade de vida da pessoa com TEA.
Novela “Amor a Vida”	Foi bastante criticada por carregar a mão nos estereótipos, culpar a mãe e não definir bem o grau da jovem no espectro, o que tornou uma personagem mal desenvolvida ao longo da trama, apesar de uma boa interpretação da atriz Bruna Linzmeyer.
Programa “Bem Estar”	Fez uma série de reportagem sobre o TEA que foi alvo de duras críticas da comunidade autista, por mostrar a visão de autismo como doença, incluindo o depoimento, de uma profissional da saúde, de que o <i>stim</i> (estereotipia, forma de autistas se autorregular) não seria funcional – o que, inclusive, levou a pequena campanha nas redes sociais, chamada “#respeiteostim”, criada pela autista e ativista Amanda Paschoal.
Filme “Loucos de amor”, com Josh e Raddha	Apesar do título nacional um tanto quanto psicofóbico, destaca-se por abordar a multiplicidade do espectro, trazendo à tela um grupo de autistas que tem dificuldades e potencialidades variadas, ligadas a hiperfoco, habilidade social, literalidade, crise de agressividade, ingenuidade e características intelectuais.
Filme “Temple Grandin”	O filme “Temple Grandin”, sobre a autista que demorou a falar, e, hoje, é PhD e professora da Universidade de Colorado, revela – se um retrato fiel de sua biografada. A crítica de cinema Isabela Boscov destaca que Grandin é uma figura muito conhecida nos Estados Unidos, tanto em círculos restritos, por ter criado formas mais humanas de manejo de Gado, quanto em searas bem mais amplas, como autista funcional – apesar de limitações de traquejo social. Ela foi bem além, tornando – se sumidade em área de atuação.
Uma Advogada Extraordinária	Recém-contratada por um grande escritório de advocacia, um jovem brilhante no espectro autista enfrenta desafios dentro e fora do tribunal.
Amor no Espectro	Encontrar o amor não é fácil para ninguém. E, para jovens no Espectro Autista, explorar esse mundo desafiador dos relacionamentos traz ainda mais desafios.
The Good Doctor	Em The Good Doctor, um jovem cirurgião diagnosticado com savantismo, um distúrbio psíquico raro, é recrutado para trabalhar na ala pediátrica de um hospital de prestígio. Apesar do seu incrível conhecimento na área da medicina, esse médico não consegue se relacionar com o mundo à sua volta. Resta saber se esta dificuldade será um problema na hora de salvar vidas.

Fonte: Fonte Própria e Adaptado de Mendonça (2019).

Embora as pessoas autistas sejam representadas nos meios de comunicação, ainda há muito a avançar, pois a participação e o protagonismo das pessoas com deficiências são frequentemente invisibilizados em questões relacionadas a elas, como educação, trabalho e saúde. É importante que as representações midiáticas contem com a participação ativa das próprias pessoas autistas para definir o que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

3 METODOLOGIA

Este estudo envolve, por um lado, uma pesquisa bibliográfica via consulta de teses, dissertações, livros e artigos científicos sobre Representação e acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e das Mídias Sociais, ou seja, busca averiguar como os jovens autistas são representados na mídia e, por outro lado, efetuar uma análise de episódios selecionados do podcast “Introvertendo”.

Foi efetuada uma análise cultural de seis episódios do podcast “Introvertendo”, feita a partir da seleção de temáticas debatidas pelos jovens autistas no referido podcast e da decupagem/transcrição das falas.

Costa (2003) pergunta, então:

O que é, afinal, Estudos Culturais? Esta frase e outras similares intitulam, no Brasil e em muitos países, alguns livros e artigos cujo objetivo tem sido definir os contornos da movimentação intelectual que surge no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra, nos meados do século XX, provocando uma grande reviravolta na teoria cultural.

É preciso salientar que esta movimentação cultural se problematiza na cultura e com domínio popular, em que o preconceito domina, com concepções extremas e complexas, dentro de um contexto cultural e popular.

Para Costa (2003),

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso.

Destaque-se, ainda, que os interesses são os mais compilados em prol de uma representação para a sociedade, sendo implicados em representatividade para o interesse coletivo e social. Nesse sentido, a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) em Canoas/RS, dentro de uma percepção consolidada, oferece como área de concentração em seu Curso *Stricto Sensu* de Mestrado em

Educação, os Estudos Culturais em Educação vêm se destacando por considerar variados recortes e histórias que perpassam esse contexto cultural e educacional.

Os pensamentos diferenciados dentro do campo de Estudos Culturais (EC) são considerados e analisados em suas particularidades dentro do campo disciplinar e de acordo com cada pensamento e interesses, podendo causar ênfases contraditórias e diferentes.

Nesse contexto, os termos jovens autistas, pessoa autista, mídias, estudos culturais, representação e Transtorno do Espectro Autista (TEA) são realmente investigados e aprofundados em caráter de prioridade e, contudo, adequados a uma metodologia que possa satisfazer o âmbito cultural e social.

As perspectivas propostas neste trabalho de termos conceituais de Representação e TEA, fazem com que direcionamos os padrões de formas adequadas em argumentos traçados em uma concepção de como as pessoas olham, analisam e definem o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no âmbito da cultura que inclui o conceito de representação.

Segundo Dias (2021), “Portanto, entender como o autismo passa de um objeto pouco familiar para um objeto assimilado por um grupo social permite o alcance do modo como esse grupo responde e se comporta diante do autismo e da pessoa autista”. Nesse entendimento, o autor perpassa uma cultura dentro de uma representação significativa, de modo a alcançar a sua representatividade no âmbito do referido grupo.

Sendo assim, a fim de entender como o autismo é absorvido pelo meio social para além do universo médico, mas partindo dele, algumas referências históricas se fazem necessárias, bem como a forma pela qual os manuais diagnósticos descrevem o transtorno, posto que já são produtos dos contextos sociais e históricos e são considerados parâmetros para interpretar e classificar as sintomatologias (Dias, 2021).

Para esta análise, pesquisei nas mídias sociais o podcast “Introvertendo”, formado por jovens autistas que conversam entre si sobre vários temas relacionados ao autismo. No próximo item, então, contextualizo com o artefato cultural a ferramenta podcast, vinculado às mídias sociais como representação de jovens autista, que trazem dos mais variados temas relacionados à representação cultural, especificamente acerca do Transtorno do Espectro

3.1 PODCAST "INTROVERTENDO"

A análise do podcast "Introvertendo" como um artefato cultural foi realizada por meio da pesquisa nas mídias sociais. Esse podcast é formado por jovens autistas que discutem vários temas relacionados ao autismo. No próximo item, o podcast será contextualizado como uma ferramenta cultural nas mídias sociais para representação dos jovens autistas e seus temas relacionados ao TEA.

Durante a pesquisa nas mídias sociais em busca de um artefato cultural que representasse o autismo na fase adulta, foi encontrado o podcast "Introvertendo", feito por jovens autistas brasileiros. O objetivo desse podcast é contribuir e questionar as representações relacionadas ao autismo presentes em diferentes espaços midiáticos. Os episódios do podcast analisados na pesquisa são de grande relevância para compreender a representação do TEA.

Muitas vezes, o autismo é representado nas mídias sociais de forma limitada, focando apenas nas características comportamentais e nas dificuldades de interação, sem reconhecer a identidade e os direitos das pessoas autistas. Porém, a mídia desempenha um papel importante na disseminação de informações relevantes sobre o autismo, através de séries, filmes, jornais, novelas e outros meios de comunicação.

O podcast é considerado um artefato cultural que permite o acesso a diversos temas e é potencializado pelas tecnologias da comunicação. Ele pode ser usado tanto para fins educativos quanto para entretenimento, contendo programas com falas, músicas ou ambos. O podcast tem se destacado como uma ferramenta multifuncional, facilitando a circulação de informações e o contato com diferentes grupos culturais.

O podcast "Introvertendo" busca desconstruir mitos e estereótipos relacionados ao autismo, proporcionando uma representação mais diversa e individualizada das pessoas autistas. Sua distribuição na internet atende às expectativas dos grupos sociais que desejam uma comunicação sociocomunicativa relacionada à mídia proposta.

Em resumo, o podcast "Introvertendo" é um artefato cultural significativo que representa o autismo de forma mais ampla e diversa, contribuindo para questionar as representações existentes e promover uma compreensão mais abrangente do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Em 2018, foi iniciado o podcast "Introvertendo" no Brasil, com o objetivo de promover discussões sobre o autismo. O podcast é composto por jovens autistas da Universidade Federal de Goiás e ao longo dos anos, expandiu-se para a participação de outros participantes de diferentes estados do país. A partir de 2020, o podcast passou a ser produzido pela empresa brasileira de streaming de áudio Superplay & Co.

O "Introvertendo" lança um novo episódio a cada quinzena, abordando temas transversais relacionados à vida cotidiana, sociedade e cultura popular. Os protagonistas do podcast enfatizam suas vozes e identidades no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo aos ouvintes a oportunidade de conhecer mais sobre eles por meio dos episódios. O podcast está disponível em diversas plataformas, como Google Podcasts, Apple Podcasts, Spotify, Deezer, Castbox, Amazon Music e também possui um canal no YouTube.

Os fundadores do "Introvertendo" são Tiago Abreu, Luca Nolasco, Otavio Crosara, Michael Ulian e Marcos Carnielo Neto. O nome do podcast foi criado por Luca Nolasco, e o slogan "um podcast onde autistas conversam" foi criado por Michael Ulian e Tiago Abreu.

Para essa pesquisa foram selecionados seis episódios do Podcast "Introvertendo" com base nos títulos relacionados à representação e à neurodiversidade nas mídias sociais, como filmes, séries e novelas. Esses episódios foram analisados em conjunto com os conceitos dos Estudos Culturais.

Os episódios selecionados abrangem o período de 2020 a 2022 e foram escolhidos por sua relevância para os objetivos da pesquisa. Vale ressaltar que o número de episódios disponíveis é extenso, mas devido ao tempo disponível e à necessidade de uma análise minuciosa, foi feita uma seleção criteriosa.

Durante a seleção, foram observados aspectos como a estrutura de cada episódio, a duração média de 30 a 40 minutos, a busca por artigos, links e notícias relacionados ao tema, além da participação dos jovens autistas e seus convidados na apresentação dos episódios.

3.2 ANÁLISE DOS EPISÓDIOS DO PODCAST "INTROVERTENDO"

A análise dos episódios do Podcast "Introvertendo" aborda a importância da representação do autismo e suas interseccionalidades, como gênero, sexualidade e etnia, tanto no campo educacional quanto social. Destaca-se a necessidade de persistir nas abordagens culturais, mesmo diante de posições conservadoras e retrógradas que buscam coibir políticas relacionadas a essas questões.

Os episódios selecionados exploram temas relevantes para a comunidade autista, como representatividade, representação nas mídias e na cultura. Os participantes discutem a predominância de informações sobre autismo na infância em comparação com a fase adulta, destacando a importância de compreender a diversidade do espectro e evitar generalizações.

A representação do autismo nas mídias é abordada, especialmente a falta de representatividade de autistas adultos, autistas no mercado de trabalho e escassez de literatura científica sobre autismo na fase adulta. É ressaltada a necessidade de mais espaços nas mídias sociais com a participação de autistas falando sobre suas próprias experiências, contribuindo para uma maior representatividade.

Considera-se o processo histórico-científico do autismo como uma forma de obter esclarecimentos e desconstruir concepções errôneas. O podcast "Introvertendo" oferece um espaço de interação no qual autistas buscam esclarecer conceitos e abordar suas vivências e especificidades.

A interseccionalidade, como a relação entre raça, classe e gênero, é relevante no contexto do autismo. A representação do autismo também é discutida em filmes, séries e desenhos, destacando-se a importância de uma representação mais inclusiva e precisa.

Metodologicamente, centralizei minhas análises nos seguintes episódios: o primeiro, intitulado “Representação e Representatividade de Autista”, o segundo episódio, “Representação Autista nas Mídias”, o terceiro episódio, “50 tons de autismo”, o quarto episódio, “Dia Mundial do Autismo: Conscientização ou Aceitação, o quinto episódio, “Capacitismo” e o último episódio, “O que é Neurodiversidade?”

A seguir, os episódios selecionados conforme o Quadro 3 abaixo:

Quadro 3- Episódios

Data	Episódio e duração	Título	Discussão Geral
13.11.2020	34 minutos e 18 segundos	Representação e Representatividade de Autista	Os autistas conversam sobre representatividade, sobre representação nas mídias e na cultura, dando ênfase ao fato de as informações serem mais centradas no autismo na infância do que na fase adulta. É importante mencionar isso, pois, na atualidade, pode ser notada uma proliferação de produções disseminando informações sobre o autismo, mostrando o que se pensa acerca do autismo e como é a vida de um autista.
05.03.2021	29 minutos e 14 segundos	Representação Autista na Mídia	Os participantes discutem a representação do autismo nas mídias, com foco na falta de representatividade de mulheres autistas, bem como a predominância de estereótipos masculinos. São levantadas críticas em relação à forma como o autismo é retratado, muitas vezes de maneira padronizada e sem considerar a diversidade do espectro. A discussão também aborda a noção de "muitos autismos", enfatizando que cada pessoa autista é única, e suas experiências podem variar amplamente. A representação midiática precisa evitar transmitir informações incorretas ou estereotipadas, a fim de não prejudicar a vida social dos autistas. Destaca-se a influência da mídia na reprodução de estereótipos socioculturais, o que compromete a criticidade e a individualidade dos autistas. Embora algumas pessoas autistas possam se identificar com personagens autistas nas mídias, isso não significa que elas possam viver de acordo com essas representações. É ressaltada a necessidade de outras representações autistas que abordem a camuflagem social do autismo e considerem as interseccionalidades, como pessoas pretas, LGBTQIA+ e

			<p>outros grupos não normativos da sociedade.</p> <p>Além disso, menciona-se a falta de nuances nas representações midiáticas do autismo, com foco predominante no nível 03 do espectro e pouca abordagem dos outros níveis. Também é ressaltada a falta de representação de mulheres autistas, especialmente mulheres pretas e sujeitos LGBTQIA+.</p> <p>A análise crítica da representação do autismo na mídia destaca a importância de retratar a diversidade e complexidade do espectro, evitando estereótipos e promovendo uma maior representatividade de diferentes grupos dentro da comunidade autista.</p>
06.05.2022	32 minutos e 41 segundos	“50 tons de autismo”	<p>Os participantes discutem as etapas do sexo, desde o pré-sexo até o ato em si, e compartilham suas opiniões sobre o assunto.</p> <p>É mencionado o estereótipo do "Anjo Azul", no qual os pais de autistas tendem a infantilizar seus filhos, ignorando que eles também passarão por todas as fases do desenvolvimento, incluindo a sexualidade. A literatura acadêmica sobre sexualidade e autismo é considerada escassa, e há críticas em relação à forma como as pessoas autistas são tratadas como assexuadas ou desprovidas de desejo.</p> <p>Os autistas abordam o sexo como uma linguagem não verbal e consideram o ato sexual como algo novo, sendo cautelosos em relação ao sexo casual, pois o veem como algo mais físico do que romantizado. A comunidade autista também destaca que os relacionamentos são normatizados, cheios de regras e normas a serem seguidas e consideradas. São discutidas questões relacionadas à monogamia e à não monogamia, com críticas à estrutura familiar contemporânea. Cada ser humano, incluindo os neurodivergentes, tem uma interação diferente com o outro, e as pessoas neurodivergentes têm suas próprias particularidades e especificidades.</p> <p>Outro ponto de discussão é a sensibilidade sensorial dos autistas, com hiperreatividade ou hipoatividade aos estímulos, o que pode afetar sua experiência sexual. Também é ressaltada a importância do diálogo aberto e do esclarecimento sobre educação sexual, incluindo a proteção contra o abuso sexual. É necessário comunicar a</p>

			<p>importância de entender as diferenças sensoriais do corpo neurodivergente durante a interação sexual.</p> <p>Nesse episódio, o Podcast "Introvertendo" aborda a complexidade da sexualidade na comunidade autista, enfatizando a necessidade de compreensão, respeito e diálogo aberto para promover uma vivência saudável e satisfatória do sexo entre os autistas.</p>
02.04.2021	23 minutos e 38 segundos	<p>"Dia Mundial do Autismo: Conscientização ou Aceitação"</p>	<p>A crítica é direcionada ao Dia Mundial do Autismo, que é voltado para a conscientização do transtorno. Os participantes questionam a necessidade de conscientização em vez de aceitação, destacando que o autismo vai além da conscientização e exige respeito e aceitação. Eles argumentam que a inclusão não abrange a todos, especialmente aqueles que não têm acesso a tratamento adequado ou diagnóstico.</p> <p>É ressaltada a importância de um diálogo compreensivo ao revelar o diagnóstico para a família, a fim de facilitar a troca de informações e promover uma melhor aceitação por parte dos familiares. A questão da consciência também é discutida, com a percepção de que a aceitação do autismo é algo básico e essencial, e que a conscientização é apenas o mínimo necessário. A sociedade deve ir além da conscientização e buscar o respeito, a participação e os serviços necessários para melhorar a qualidade de vida das pessoas autistas.</p> <p>O episódio aborda a importância de repensar os valores relacionados à luta pela aceitação do autismo, tanto dentro como fora da comunidade autista. A discussão envolve os termos "consciência" e "conscientização", destacando que eles têm significados distintos. Ter consciência é um ponto central de entendimento e relaciona-se com um bom entendimento da discussão em questão.</p> <p>A conscientização do autismo é discutida em relação à aceitação, e é percebido que a aceitação do autismo não pode ser alcançada sem a conscientização. A sociedade precisa estar consciente sobre o autismo para aceitá-lo sem tabus ou aversão.</p> <p>Para promover a conscientização e a aceitação, é necessário unir esforços e criar mais espaços de discussão sobre o</p>

			<p>autismo em várias esferas de comunicação. Temas como autismo em mulheres, mercado de trabalho e tecnologia, e a necessidade de uma representatividade mais concreta também devem ser abordados.</p> <p>O episódio levanta questões importantes sobre a conscientização e aceitação do autismo, destacando a importância de ir além da conscientização e buscar a plena inclusão e respeito às necessidades das pessoas autistas.</p>
11.02 .2022	33 minutos e 57 segundos	“Capacitismo”	<p>É abordada a questão do capacitismo no contexto das pessoas com deficiência. O capacitismo refere-se à discriminação, preconceito e estigmatização enfrentados pelas pessoas com deficiência, sendo um efeito das relações sociais estruturais.</p> <p>A deficiência é entendida como uma categoria analítica, relacional, política, moral, identitária, de saúde, de mediação e de performance. Ela está relacionada a outras categorias sociais, como classe, gênero, sexualidade, raça, etnia, geração, idade, religião, nacionalidade e regionalidade. O capacitismo é percebido como um efeito de estruturas e relações sociais que historicamente discriminam e prejudicam pessoas com deficiência.</p> <p>Na fala de Marco Antonio Gavério, destaca-se que o capacitismo não surge do nada, mas é resultado de formas cristalizadas de relações sociais, interações e percepções que categorizam indivíduos de maneira pejorativa. O capacitismo é uma rede de relações que produz termos conceituais baseados na capacidade e incapacidade percebida de certos indivíduos em relação a outros. Essa ideia está inserida no argumento da normalidade e anormalidade, em que ser incapaz é culturalmente situado como anormal.</p> <p>É enfatizado que as pessoas com deficiência são tão normais quanto as outras, e a normalidade deve ser baseada em suas capacidades e não em suas limitações. O capacitismo é considerado um ato violento, que se manifesta em diferentes formas de opressão. Na comunidade autista, o capacitismo é percebido como um debate complexo, pessoal e desumano. Alguns indivíduos não assumem suas incapacidades ou afirmam não ter deficiências devido à pressão social e à negação da própria deficiência.</p> <p>O episódio aborda a necessidade de conscientização e combate ao</p>

			capacitismo, destacando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de capacidades e garantir igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de suas deficiências.
11.02. 2022	32 minutos e 44 segundos	O que é Neurodiversidade?	<p>O episódio destaca a importância do livro escrito pelo apresentador do podcast, Tiago Abreu, como a primeira obra no Brasil a abordar a neurodiversidade. O livro contextualiza a história do autismo, desde as primeiras concepções até as contribuições da socióloga Judy Singer e a diversidade neurológica.</p> <p>A discussão sobre neurodiversidade surge no campo dos estudos da deficiência, que nos últimos anos têm desenvolvido reflexões sobre a deficiência que vão além do discurso médico e educacional. No Brasil, a discussão sobre o autismo foi tardia em comparação com outros países devido a barreiras linguísticas e a falta de autistas diagnosticados na vida adulta para falar sobre o autismo. Somente em 2013, os primeiros ativistas autistas começaram a produzir conteúdo nas mídias e a participar de eventos e na elaboração de políticas públicas.</p> <p>O episódio destaca a necessidade de falar mais sobre o autismo e desconstruir estereótipos e discursos negativos relacionados a ele. A neurodiversidade ainda é um tema predominantemente relacionado ao estudo do autismo, embora alguns esforços tenham sido feitos para desenvolver um campo de estudos da neurodiversidade, especialmente no Reino Unido, para refletir sobre a deficiência cognitiva.</p> <p>Na fala de Carol Cardoso, é ressaltada a contribuição do livro para o ativismo dos autistas no Brasil, pois ele reflete as demandas levantadas pelos próprios autistas e sintetiza suas atuações. O livro também oferece uma oportunidade de articulação e organização do movimento autista em prol de seus direitos.</p> <p>É destacada a importância de evoluir nas discussões sobre o autismo no Brasil e de implementar políticas públicas que abranjam áreas como educação, trabalho, saúde, entre outras, para efetivamente intervir na vida dos autistas. É fundamental combater o capacitismo em relação ao autismo e desconstruir ideias estereotipadas que foram impostas culturalmente ao longo da história.</p>

			<p>O podcast "Introvertendo" é mencionado como uma plataforma que possibilita a participação de autistas na produção de conteúdo e na desconstrução de concepções estereotipadas sobre o autismo. As narrativas em áudio do podcast contribuem para as reflexões sobre representação cultural e significados relacionados ao autismo no âmbito dos Estudos Culturais.</p> <p>Em resumo, o episódio aborda a importância da neurodiversidade como um conceito que valoriza a diversidade de funcionamento neurológico e propõe a inclusão e respeito às pessoas neurodivergentes. Também enfatiza a necessidade de ampliar as discussões sobre o autismo, promover a conscientização e desconstruir estigmas e preconceitos relacionados a essa condição.</p>
--	--	--	--

Fonte: Próprio autor, 2023.

4 DISCUSSÕES E ANOTAÇÕES DAS ANÁLISES DOS EPISÓDIOS DOS PODCASTS “INTROVERTENDO”

É de suma importância na perspectiva cultural do autismo e suas interseccionalidades que perpassam também no campo educacional, assim como, as questões centrais de políticas de gênero, de sexualidade, étnico-raciais e etc.

É possível dizer – em que pese haver ainda relativa marginalidade das abordagens culturalistas no campo da Educação – que se torna cada vez mais importante nelas persistir, especialmente porque vivemos, e não apenas no Brasil, um momento em que posições conservadoras e retrógradas têm ganhado destaque em declarações e medidas administrativas de representantes do poder público na direção de coibir, notadamente, políticas de gênero, de sexualidade, étnico-raciais, entre outras (BONIN, 2020).

Não só no campo educacional, mas social e especificamente na inclusão as lutas pelas políticas públicas abrangem notadamente vários setores independentemente das abordagens culturais, educacionais e inclusivas, pois há um elo de configuração entre as políticas de gênero, sexualidade e étnico-racial, pois são interseccionais e, com isso, ganham destaques em qualquer setor da sociedade.

Diante disso, apresento alguns pontos importantes para a análise, a fim de compreender como os autistas falam de si e, em seguida, como ocorrem as discussões relacionadas a temas que trazem os fatores sociais importantes para a comunidade do autismo, no contexto da representação, tais como: raça, gênero e sexualidade.

Esclareço que os autistas criaram o podcast, em que podem ser destacados temas que analisam a forma como os conteúdos são abordados no cotidiano, o esclarecimento, a contestação e as críticas de situações vivenciadas e de diversos temas relacionados à representação dos mesmos, ressaltando a importância de haver mais espaços nas mídias sociais com a participação de mais autistas falando de si mesmos, pois é algo que vem para contribuir com mais representatividade.

Considero o processo histórico-científico do autismo como uma ajuda para que sejam obtidos esclarecimentos acerca dessa questão, trazendo inúmeras concepções que foram sendo construídas ao longo da história e que vêm sendo desconstruídas, bem como é preciso considerar que é possível que o próprio autista transcreva e analise às concepções errôneas acerca do autismo, como é o caso das postagens do Podcast "Introvertendo".

Reitera-se, portanto, a escolha dos episódios para análise, no que diz respeito à temática proposta na dissertação, fazendo, então, uma convergência de informações a partir dos dados obtidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É destacada a importância de compreender os conceitos de representação no âmbito dos Estudos Culturais, especialmente no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao longo da história, o autismo foi associado a preconceitos e estereótipos, sendo muitas vezes retratado como uma doença e ignorando as identidades culturais das pessoas autistas e seus direitos.

O podcast "Introvertendo" é mencionado como uma plataforma que aborda pontos relevantes sobre o autismo de forma descontraída e natural. Os autistas participam dos episódios, levantando questionamentos e desconstruindo conceitos estereotipados. O podcast discute a representação e a representatividade autista, destacando a importância de abordar temas além da criança autista, como autistas adultos, mercado de trabalho e participação de mulheres autistas.

É ressaltada a necessidade de combater o capacitismo em relação à comunidade autista, que se manifesta por meio de discriminação, preconceito e expressões pejorativas. O dia 2 de abril, Dia Mundial da Conscientização do Autismo, é mencionado como uma data importante para promover a compreensão e o respeito em relação ao autismo, além de estimular discussões em diversos espaços e o acesso a tratamentos e diagnósticos para famílias.

A contextualização do autismo no Brasil é considerada fundamental, assim como abordar o transtorno sob uma perspectiva cultural e histórica, incluindo estudos sobre neurodiversidade que influenciam em questões de gênero, sexualidade e mercado de trabalho.

É destacada a importância de ampliar os espaços de informação sobre o autismo, com protagonismo dos próprios autistas, e de aumentar a representatividade e a participação na elaboração de políticas públicas.

Conclui-se e enfatizando que falar sobre autismo envolve compreender, respeitar e entender a complexidade das informações em torno do transtorno, não apenas do ponto de vista clínico, mas de forma ampla, reconhecendo os autistas como sujeitos sociais de direitos. A falta de reconhecimento dos autistas como sujeitos de direitos resulta em exclusão e discriminação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Jacqueline Gomes de. Narrativas em Espaços Midiáticos Online e a produção de Sujeitos Neurodiversos: de rechaços a celebrações. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2018.
- AGUIAR, Jacqueline Gomes de. Narrativas em Espaços Midiáticos Online e a produção de Sujeitos Neurodiversos: de rechaços a celebrações. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2018.
- BRILHANTE, Aline Veras Moraes. Et al. Eu não sou anjo azul: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autista. *Ciênc. Saúde Colet.*, v. 26 n. 02, p. 417-423, fev. 2021.
- COSTA, Marisa Vorraber. SILVEIRA, Rosa Hessel. SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. Maio/Jun/Jul/Ago. 2003.
- DIAS, Camila Cristina Vasconcelos. et al. Representações Sociais sobre o Autismo elaboradas por estudantes universitários. *Psico-USF*, v. 26, n. 4, p. 631-643, out./dez. 2021.
- DIAS, Sandra. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. *Rev. Latinoam. Psicopat.*, v. 18, n. 2, p. 307-313, jun. 2015.
- DIAS, Sandra. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. *Rev. Latinoam. Psicopat.*, v. 18, n. 2, p. 307-313, jun. 2015.
- DONVAN, J., & ZUCKER, C. (2017). *Outra sintonia: a história do autismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as Revoluções Culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JODELET, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. Em D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp.17-41). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- ORTEGA, Francisco. O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade. *Mana*, v. 14, n. 2, out. 2008
- ORTEGA, Francisco. O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade. *Mana*, v. 14, n. 2, out. 2008.
- RIOS, Clarice. “Nada sobre nós, sem nós”? O corpo na construção do autista como sujeito social e político. *Sex., Salud Soc.*, n. 25, p. 212-230, abr. 2017.
- RIOS, Clarice. “Nada sobre nós, sem nós”? O corpo na construção do autista como sujeito social e político. *Sex., Salud Soc.*, n. 25, p. 212-230, abr. 2017.
- TEIXEIRA, Gustavo. *Manual do Autismo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.